

83 HORAS DE HORROR

Condensado do livro de **Gene Miller** em colaboração com
Barbara Jane Mackle



Os raptores disseram a Barbara Jane Mackle, de 20 anos, que ela seria colocada num quarto subterrâneo. Em vez disso, foi enterrada numa caixa — quase um caixão funerário. Ela ouviu a terra caindo sobre a tampa, e em seguida um riso abafado. Após horas de silêncio mortal, percebeu que eles jamais voltariam...

83 HORAS DE HORROR

Gene Miller



EU NÃO SABIA que horas eram, apenas que ainda era noite. Mamãe falava com alguém na porta do nosso quarto no motel.

— Qual é o problema? — perguntei.

— Tem um polícia lá fora — ela respondeu, soltando o trinco da porta.

Vi o revólver antes de ver o homem. Assim que mamãe abriu a porta, apareceu o cano da arma. O homem deu um empurrão, esmagando mamãe entre a porta e a parede. Era grandalhão e forte. Usava um boné, casaco de couro e calça escura. Uma figura de aparência juvenil, usando uma máscara de esqui, passou por ele e entrou no quarto.

Pensamos que estávamos sendo assaltadas.

— Peguem o dinheiro e as jóias e sumam! — mamãe gritou, com raiva.

— Ponham as mãos para trás — ordenou o homem. — Vamos amarrá-las, sem machucar ninguém. — Ele mantinha o revólver apontado para a minha cabeça. — Vira — ele ordenou.

A outra pessoa — que eu pensava ser um garoto — deitara mamãe na cama, amarrando-lhe primeiro as mãos e depois os pés.

Pus as mãos para trás, mas o homem disse:

— Não, você não. Não vamos amarrar você.

«Oh, meu Deus!» eu pensei, e comecei a ficar com medo. Mamãe

lutava. O garoto fazia força para contê-la, esfregando um trapo no seu rosto.

— É um anestésico inofensivo — disse o homem.

Em seguida, agarrou-me pelo braço, arrastou-me para fora e atirou-me para o banco traseiro de uma camioneta. O garoto saltou para o meu lado.

— Vamos anestesiá-la — o homem berrou.

Mais que depressa, eu disse:

— Não precisa. Eu abaixo a cabeça. Não quero ver a cara de vocês.

Assim que o carro arrancou, pus a cabeça no colo do garoto. Eu tremia. Vestia apenas minha camisola, calcinhas e meias de lã. A certa altura o garoto falou... mas não era voz nenhuma de garoto. Era uma moça, com forte sotaque espanhol.

Nós íamos depressa. Senti o carro virar à esquerda, passar aos solavancos sobre trilhos de trem, continuar mais um pedaço e logo parar. A corrida toda não levava nem 15 minutos.

— Segure a cabeça dela baixa para que não veja a casa — ordenou o homem, e saiu do carro.

«Vão me por numa casa», pensei. Mas logo o homem voltou:

— Jake e os rapazes abriram o buraco fundo demais — disse ele.

Foi nesse momento que eu pensei que eles iam me matar e enterrar. Disse a mim mesma: «Vou fugir daqui. Vou sair correndo.» Levantei a cabeça, e ali estava ele, bem na

janela. Amarrou-me as mãos e os pés e acendeu uma lanterna no meu rosto.

— Acho que você já percebeu que está sendo raptada, não? — perguntou ele.

Respondi que sim com um murmúrio: «Ah-hã.»

— Estamos pedindo um bocado de dinheiro — ele continuou, com um risinho sarcástico. — Mas tenho certeza de que seu pai arranja. Agora preste atenção ao que eu vou dizer, que não pretendo falar duas vezes. Vamos colocar você num quarto subterrâneo. É grande bastante para andar à volta. Mas você só obterá ar usando uma bateria. Essa bateria tem carga para sete dias. Há uma lâmpada lá embaixo, mas, se você acendê-la, a bateria só durará cinco dias.

Ele continuou falando. Um quarto subterrâneo? Bateria? Eu não conseguia entender.

— Você ficará sob água — ele disse. (Talvez eu tenha entendido mal. Talvez ele tenha dito qualquer coisa parecida com água.) — Há uma bomba lá. Se começar a entrar água, ligue a bomba. Isto acenderá uma lâmpada na casa.

Ele deu toda uma série de detalhes sobre a bomba, sobre ventiladores, mas eu não entendia nada. A garota me aplicou uma injeção com uma agulha hipodérmica.

— Isto fará você se sentir como se não se importasse com mais nada — disse o homem.

Depois insistiu em me dar clorofórmio também, e, quando eu resisti

à garota, ele próprio esfregou o trapo úmido no meu nariz. Fui ficando tonta, perdendo os sentidos.

Arrastaram-me para fora do carro. Eu estava toda molenga, e tiveram um trabalhão para me carregar. Senti galhos de árvores arranhando minhas costas. Estávamos numa mata. De repente, ele me fez sentar no chão, com os pés balançando no vácuo de um buraco.

— Vá escorregando — ele ordenou, empurrando-me pelos ombros.

Meus pés desceram primeiro, e logo eu estava meio sentada. Lembro-me de ter pensado: «Isto é pequeno demais para ser um quarto. Bem, talvez seja só uma passagem, e o quarto é mais para baixo.» Mas, quando tentei me esticar, os pés não encontraram espaço. Havia uma luz, e eu percebi que não era nenhuma passagem. Era um caixão. Fiquei aterrorizada.

— Não, não, não! Vocês não podem fazer isto comigo! — gritei.

Eu ainda estava tonta, mas sabia que tinha de fugir dali. Eles podiam me matar, mas eu tinha de sair dali. Estava começando a me levantar, quando, de repente, a tampa da caixa desceu com um estrondo. Empurrei-a com quanta força tinha. Não adiantou nada. Acho que eu gritei, algo assim:

— Espere, espere! Tenho uma coisa importante a lhe dizer!

Ouvi-os aparafusando a tampa. Em seguida, percebi que a terra estava caindo. Não há palavras para descrever isto. As primeiras pazadas faziam muito barulho, mas de-

pressa foram ficando mais surdas. Eu gritava:

— Não! Não façam isto! Por favor me ouçam!

— Barbara! — Era a garota falando. — Não se preocupe, Barbara. Nós viremos verificar de duas em duas horas. — No meu desespero, eu queria acreditar.

— Por favor, voltem — eu pedia chorando. — Só para conversar comigo.

Ouvi o homem dar uma espécie de risada.

— O que você quer é só contato humano... — ele disse.

— É, é — eu disse. — Eu quero, eu quero!

Depois disso, não ouvi mais nada. Comecei a empurrar a tampa.

— Oh, meu Deus — eu implorava. — Você não pode me deixar aqui!

Eu falava, ficava esperando uma resposta, depois tornava a falar. E não havia resposta nenhuma. Só o silêncio.

«Chamem o FBI»

SEM sentir o efeito do clorofórmio, Jane Mackle olhou ainda a tempo de ver os dois saindo com sua filha. «Oh, meu Deus», ela pensou, «vão violentar Barbara.»

Freneticamente, os pés e as mãos amarrados, ela rolou da cama em direção ao telefone, derrubou o aparelho e começou a gritar. Não teve resposta. Teria de discar para falar com o porteiro da noite, e não conseguia fazê-lo. Conseguiu

por-se de pé e, sem pensar no frio de -4°C , saiu do quarto só de camisola.

— Gritei, gritei e tornei a gritar.

Dos 120 quartos do motel, 71 estavam ocupados nessa noite. Mas de nenhum veio resposta.

A buzina, ela lembrou-se de repente. O Pontiac verde de Barbara estava aberto, ali perto. Sempre gritando, Jane Mackle correu para o carro. Ao lado da porta dianteira do lado direito, ela levou um tombo, levantou-se, tornou a cair. Caiu uma terceira vez no asfalto, mas continuou tentando. Toda arranhada, sangrando, os lábios ressequidos e machucados do clorofórmio, ela aproximou-se cuidadosamente da porta e pressionou a maçaneta. A porta abriu-se facilmente, e ela se deixou cair no banco dianteiro, encostou o queixo na buzina e apertou com força.

— E fiquei apertando.

O porteiro da noite, um homem metódico que há 16 anos trabalhava em hotéis, trancou a porta de entrada e encaminhou-se cuidadosamente até ao estacionamento.

— Ei, minha senhora — gritou. — Fique quieta! Vai acordar os hóspedes!

— Pelo amor de Deus, me ajude! — a Sr.^a Mackle conseguiu articular. — Levaram minha filha.

Mas o porteiro ficou ali parado, «olhando abobalhado». Teve de forçá-lo a desamarrá-la, e mesmo assim ela própria foi quem chamou a polícia. Seu telefonema foi recebido na delegacia às 4h 11min da ma-

drugada de 17 de dezembro de 1968.

Minutos depois, quando dois policiais chegaram ao Motel Rodeway Inn, encontraram Jane Mackle sozinha, na porta do seu quarto. Estava quase histérica, andando de um lado para outro.

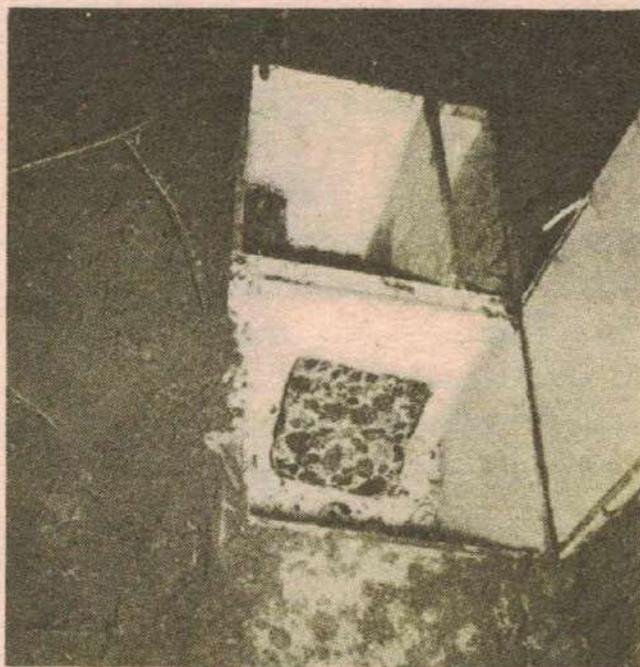
— Quando percebi que não haviam roubado nada, dei-me conta de que estavam atrás de Barbara. Só conseguia pensar em que a violentariam, e quase morri.

Os policiais trataram de acalmá-la e ouvir o que tinha a contar, mas ela não parava de implorar que fizessem alguma coisa.

— Não há algum lugar onde vocês possam procurar? — ela implorava. — Estou com tanto medo.

Sua filha Barbara, ela explicou, estudava na Universidade de Emory, em Atlanta, na Geórgia. No meio dos exames do primeiro trimestre, pegara a gripe asiática, então grassando nos Estados Unidos. Na enfermaria da Universidade não havia mais lugar, e ela então viera da Flórida para cuidar de Barbara, hospedando-se nesse motel quatro dias antes. Naquela madrugada, abriu a porta do quarto para um homem que usava um boné, e ele carregara sua filha.

Entre eles, os dois policiais discutiam a possibilidade de Barbara ter ido por vontade própria. Não seria isto uma bem planejada brincadeira de estudantes? Não teria ela fugido com o namorado? Não sabiam que o pai dela, Robert Mackle, era um construtor milionário em Coral Gables, na Flórida.



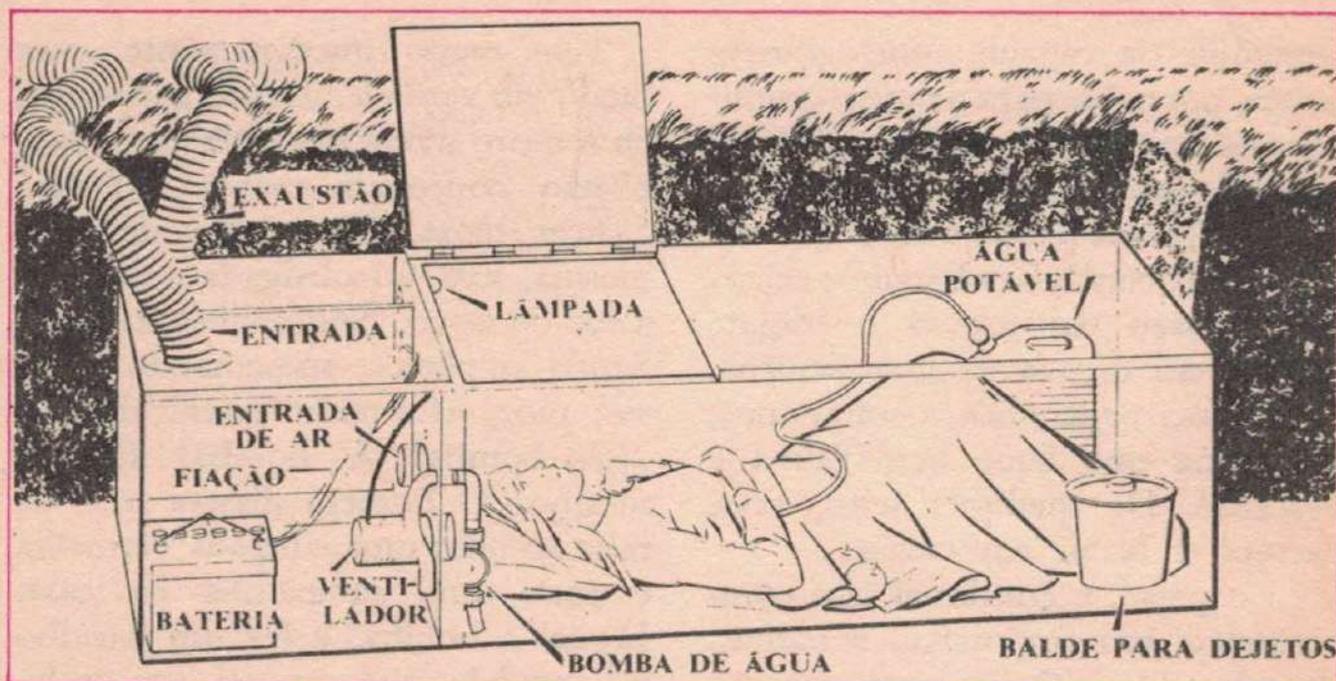
*Foto da caixa
(aberta apenas parcialmente)
onde Barbara esteve prisioneira*

Para eles, Barbara Mackle era apenas mais uma estudante que desaparecera de um quarto de motel.

Logo chegou um detetive que se encarregou do interrogatório, enquanto os dois policiais saíram para vasculhar becos, cantos escuros frequentados por casais de namorados e todos os lugares aonde um tarado sexual levaria a sua vítima. A essa altura, chegara um amigo de família de Jane Mackle, que imediatamente telefonou para o pai de Barbara, que se encontrava no Hotel e Vilas Key Biscayne, uma das propriedades da família.

Ainda estava escuro quando Robert Mackle atendeu o telefone, mas a notícia despertou-o como uma ducha gelada.

— Chamem o FBI imediatamente e diga-lhes que venham logo — ele comandou. — Eu quero esse caso em segredo. Não quero nada nos



jornais enquanto não soubermos o que está acontecendo.

Pânico

SE HOUVE uma hora em que o terror chegou ao máximo, acho que foi logo depois que eles foram embora. Comecei a gritar e a bater nas paredes, querendo sair. Perdi completamente o controle. Respirava descompassadamente e ouvia o coração batendo.

De repente, como que caí em mim. Percebi que era tudo muito real, estava acontecendo mesmo, e comecei a raciocinar: «Espere aí, Barbara, fique calma. Esses gritos e murros não vão adiantar nada. Papai arranjará o dinheiro, e daqui a duas horas eles vão voltar.»

Continuava com medo, é claro, mas comecei a olhar em volta. Desamarrei as mãos facilmente e liguei o ventilador. Conseguia ouvi-lo, num compartimento por trás da minha cabeça, e eu dava graças pela presença do barulho. Não ouvir

nada me dava uma sensação horrível.

Tentei alcançar a corda que me atava os pés, mas sem resultado. A tampã da caixa estava uns 30 ou 35 centímetros acima do meu rosto. Se me levantasse, bateria com a cabeça. Finalmente, virei-me de lado, dei um jeito de me dobrar e desamarrei os pés.

Encontrei em seguida uma almofada de sofá e três páginas de instruções datilografadas só em maiúsculas. «Não se assuste», li. «Você está em segurança. Neste momento, você está numa cápsula de madeira compensada, reforçada com fibra de vidro, enterrada perto da casa onde estão os seus raptos. A cápsula é bastante resistente. Você não conseguirá quebrá-la para escapar.» As instruções repetiam grande parte do que o homem já me dissera. Advertia sobre o uso contínuo da lâmpada e da bomba, o que gastaria rapidamente a bateria e «sua expectativa de vida será reduzida». Havia uma descrição detalhada do

conteúdo da cápsula: entre outras coisas, um balde para dejetos, quimicamente tratado, um depósito de água potável, balas, maçãs, cobertores e tranquilizantes para ajudar a dormir.

O papel concluía: «Estamos certos de que seu pai pagará o resgate pedido em menos de uma semana. Se ele não pagar, nós a soltaremos, de forma que fique bem calma e descanse. De qualquer jeito, você passará o Natal em casa.»

Li o papel, e continuei sem compreender. Era impossível acreditar. Pensei: «Meu Deus, será que eu vou morrer? As pessoas sentem antes que vão morrer? Ou será que sentem o que eu estou sentindo agora? E será que não sabem?»

Comecei a pensar em mamãe. Teria sofrido ferimentos? Mentalmente, reconstituí o telefonema dela para papai. Via mamãe discando o telefone, via a reação de papai quando recebesse a notícia. Imaginei que ele teria lágrimas nos olhos. Mas não choraria. Ficaria calmo e poria todo o mundo a trabalhar.

Estranhamente, não fiquei preocupada com a possibilidade de me afogar. Não acreditava que estivesse sob água. Mas *estava* ficando molhada. Estava tudo úmido. Puxei um cobertor. Estava úmido também. Eu tinha frio.

Lembrei-me da advertência nas instruções: «O uso desnecessário da lâmpada reduzirá substancialmente a margem de segurança da sua bateria.» Era esbranquiçada e do tamanho de uma lâmpada de árvore de Natal. Apaguei-a.

Tive medo imediatamente, mas medo de verdade. Desde garotinha, eu sempre tivera medo da escuridão, e não conseguia evitar. Comecei a ficar tensa. Tive raiva de mim mesma, mas fui obrigada a acender a luz de novo. Não melhorou nada. Sentia o pânico aumentando, cada vez pior. «Eu tenho de sair daqui.»

A bomba! A bomba! É isso mesmo! O homem dissera que ela faria acender uma lâmpada vermelha e soar uma campainha na casa. Liguei a bomba, e fez um barulho tão grande que eu dei um pulo. Parecia uma bateadeira de bolo girando no meu ouvido. Mas continuei ligando e desligando, e mentalmente via a lâmpada e ouvia a campainha tocando na casa. Desliguei depois a bomba e o ventilador para poder ouvir os passos. Mas não houve nenhum.

Deixei o ventilador desligado. O pânico começou a ceder. Dentro da caixa começou a esquentar, o ar a ficar um pouco denso, e eu me senti tonta. «Ótimo», pensei, «vou dormir.» Comecei a me preocupar se o ar seria suficiente. Tornei a ligar o ventilador e começou a esfriar de novo.

Desde o começo, eu estava esperando que passassem aquelas duas horas. Decidi contar segundos. Sesenta segundos vezes 60 minutos, 3.600 segundos, vezes dois, 7.200. Contei lentamente, pronunciando cada número por inteiro. Quando cheguei a 7.200, desliguei o ventilador e apurei o ouvido. Silêncio total.

«Bom», pensei, «pode ser que eu tenha contado errado.» Comecei de novo, de 6.000. Quando cheguei novamente a 7.200, tinha a certeza de que as duas horas haviam passado. Foi nesse momento que me dei conta de que não era verdade o que eles haviam dito. A bomba não fazia acender luz e nem tocava campainha. Não havia casa nenhuma, e nem havia ninguém lá fora. «Eles não vão voltar», eu disse. «Não vão voltar nunca. Nunca.»

Pedido de Resgate

ROBERT MACKLE imediatamente percebeu que a explicação para o desaparecimento de Barbara era rapto e que seria exigido resgate. Sua fortuna o fazia muito mais vulnerável à ambição de criminosos do que qualquer outra pessoa. Em sociedade com seus irmãos Frank e Elliot, ele era dono da Deltona Corporation, empresa de construção e urbanização com um ativo de 127.887.537 dólares.

Mackle era o retrato do homem de empresa bem sucedido: alto, queimado de sol, 57 anos, olhos azuis e penetrantes, uma mancha cinzenta na cabeleira negra. Quase instintivamente, ele reagia agora como em centenas de outras crises menores em seus negócios: «Mantenha a calma. Apure os fatos.» Seu primeiro passo foi telefonar para Billy Dale Vessels, funcionário da Deltona, ex-astro de futebol, e pedir-lhe que viesse imediatamente para a sua casa, em Coral Gables.

Em seguida, telefonou para o seu irmão Frank, em Nova York, e este, por sua vez, alertou o irmão mais velho, Elliot. Dando ordem para que ficassem atentos aos telefones no Hotel Key Biscayne, saiu então para sua casa, a fim de encontrar-se com Vessels. Repetiu a ordem para que tomassem conta dos telefones, e às 7h 15min da manhã Mackle e Vessels tomaram o avião para Atlanta. Diz um amigo da família:

— Robert estava terrivelmente preocupado, mas agia de cabeça fria. Não havia lugar para pânico.

Ao telefone, na casa dos Mackle, seu irmão Elliot e outro funcionário da Deltona, William F. O'Dowd, mantinham-se em tensa vigília. O telefone tocou várias vezes, mas eram chamadas rotineiras. Às 9h 10min, tocou de novo. O'Dowd atendeu nervosamente:

— É Robert Mackle quem fala?
— perguntou uma voz de homem.

— Não — respondeu O'Dowd. — Ele está a caminho de Atlanta.

Houve uma longa pausa.

— Bom, diga-lhe que procure sob uma palmeira, no canto noroeste da casa dele, sob uma pedra, enterrado uns 20 centímetros.

O'Dowd anotava furiosamente num bloco.

— Fale mais devagar — disse ao telefone. — Não está dando para tomar nota.

— É só isto — disse a voz, e a ligação foi cortada.

Elliot Mackle falou na extensão:

— Não faça nada. Espere os agen-

tes do FBI. Eles não tardarão a chegar.

Quando os agentes chegaram, examinaram cuidadosamente o jardim da casa. No extremo noroeste havia um renque de palmeiras, e eles encontraram uma única pedra de coral, do tamanho de um punho. Assim que começaram a cavar, deram com uma garrafa quebrada contendo o pedido de resgate, datilografado em três folhas de papel enroladas. Descrevia a prisão subterrânea de Barbara e exigia 500.000 dólares, em notas de 20 dólares. Quando o dinheiro estivesse preparado, seria colocado um anúncio em todos os jornais importantes da área de Miami, dizendo: «Querida, volte para casa. Pagaremos todas as despesas e iremos ao seu encontro, a qualquer hora, em qualquer lugar. Sua família.»

Instruções detalhadas para a entrega do resgate seriam transmitidas pelo telefone, «depois da meia-noite», em seguida à primeira publicação do anúncio. «Se prenderem o mensageiro que mandaremos para recolher o dinheiro», a mensagem advertia, «nós simplesmente não diremos nada a ninguém, e Barbara morrerá sufocada. Se nos pegarem a todos, jamais admitiremos culpa alguma, de vez que fazê-lo seria suicídio, e aí também Barbara morrerá. Como se vê, vocês *não desejam* apanhar-nos.»

A notícia de que aparecera o bilhete de resgate foi transmitida para Atlanta, onde, pelo meio da manhã, Robert Mackle fazia o pos-

sível para acalmar sua mulher. Por enquanto, não lhe foram mencionados os detalhes da prisão subterrânea de sua filha. Pouco depois das quatro da tarde, chegou ao Motel Rodeway o inspetor Rex Shroder, do FBI.

— O Sr. Hoover enviou-me pessoalmente — ele disse aos Mackle. — Pediu-me que lhes dissesse que toda a sua organização está trabalhando neste caso. Eu lhes asseguro que chegaremos a um final feliz.

— Foi a primeira pessoa a dizer o que eu queria ouvir — relembra Jane Mackle. — Ele era tão convincente, tão seguro de si.

Shroder causou a mesma impressão a Robert Mackle. Não havia dúvida de que este era o «primeiro time» do FBI.

Shroder trouxera consigo uma cópia do bilhete de resgate, que Mackle via agora pela primeira vez. Quando terminou de ler, disse:

— Minha reação a isto é de terror. Mas, por outro lado, sinto-me muito melhor. Acho que estamos lidando com um pessoal altamente inteligente, e não com um maluco qualquer disposto a matar.

— Pensamos exatamente a mesma coisa — disse Shroder, e acrescentou: — O senhor notou que há um pedido de 500.000 dólares de resgate?

O rosto de Mackle não demonstrou preocupação.

— Meus irmãos já viram esse bilhete há algum tempo, não é?

— Sim, esta manhã.

— Então eles cuidarão disso.

No Escuro

COMECEI a pensar no raptor. Se ele quisesse me deixar morrer, não teria se dado a todo esse trabalho — a caixa, o ventilador, isso tudo. Simplesmente me teria matado, não é mesmo? Eu pensava assim. Talvez ele não voltasse, mas diria a alguém.

Mas, e se lhe acontecesse qualquer coisa? E se a polícia o apanhasse e ele entrasse em pânico, e ficasse quieto, esquecendo o rapto todo e me deixasse aqui? Tantas coisas podiam acontecer.

Fiz um esforço para rir. Sempre que eu canto, caio na risada com a minha própria voz, que é horrorosa. Cantei *Jingle Bells* e outras musiquinhas conhecidas.

Eu apagara a luz para economizar a bateria. Tivera medo, mas depois pensei: «Por que ter medo da escuridão? Aqui, ninguém me atacaria.» Na realidade, bem que eu gostaria que aparecesse alguém, nem que fosse para isso!

De repente aconteceu. Vocês sabem como é quando uma lâmpada pisca antes de apagar-se? Foi isto que aconteceu. A luz estava apagada, e eu estendi a mão para acendê-la. A lâmpada piscou e apagou.

— Não! — exclamei, alarmada.

Minhas mãos tremiam. Isto era o pior que podia me acontecer. Eu não enxergava nada. Chorei, e no meio do choro eu dizia:

— Oh, meu Deus, Você não pode fazer isto comigo!

Naquela escuridão, lembrei-me

dos tranquilizantes que o homem mencionara no seu bilhete. Lembrei-me do saco de papel e apalpei à volta procurando-o. Continha maçãs, um pouco de pão e goma de mascar. Achei uma bala, desembrulhei-a e experimentei. Era um caramelo, mas eu não tinha a menor fome. Continuei apalpando em busca dos tranquilizantes, mas não conseguia encontrá-los. «Bom», pensei, «foi mais uma mentira dele.»

Lembrei-me de que, pouco antes de entrar no caixão, eu dissera: «Por favor, não diga a papai onde eu estou.»

Eu não queria que ele soubesse que estava enterrada viva. Papai sofre de claustrofobia. Não gosta nem de andar de elevador, principalmente nos pequenos. Esperava que não o apavorassem dizendo-lhe como era pequeno o caixão onde eu estava.

Eu estava me sentindo muito incômoda. O cobertor que me envolvia estava úmido, e do alto caíam gotas de água. No começo, pensei se o caixão não estaria vazando. Toquei a tampa com as mãos e senti as gotas penduradas. Talvez fossem causadas pela minha respiração. Puxei o cobertor para cima e usei-o para me proteger. Comecei a sentir dores nos quadris. Àquela altura eu não sabia, mas eles estavam começando a ficar com manchas pretas e azuis.

Tinha muita sede. Lembrei-me de Bobby, meu irmão, ter dito certa vez que a gente pode viver muito tempo sem comida, mas que

água é mais importante. Meu raptor dissera que o tubo de borracha que havia dentro do caixão estava ligado a um depósito de água. Encontrei o tubo e suguei com força. A água tinha um gosto horrível. Logo parou de chegar. De algum modo, eu desligara o tubo do depósito. Tive medo. Eu tinha de por o tubo de volta, mas o depósito estava perto dos meus pés.

Dei um jeito de me erguer um pouco, reclinei-me de lado, toda torta, meio sentada, esticando o braço o mais possível, tentando encaixar o tubo no depósito. De repente, eu estava dobrada de tal jeito que fiquei presa. Senti realmente pânico. Eu estava sobre o meu lado esquerdo, e minhas pernas estavam erguidas às minhas costas. Estava presa por todos os lados, por cima, por baixo e pelos lados.

Enquanto estava nessa posição, percebi que esta era a minha oportunidade de encaixar o tubo no depósito de água. Às cegas, procurei o fundo do caixão, e acertei. Um golpe de sorte. Empurrei o resto do tubo o quanto coube no depósito. Descobri então que, se esticasse um pouco mais o pescoço para baixo, poderia dar uma cambalhota completa e desprender-me.

Lembrei-me de um professor na escola primária, que nos contara a história de um homem que estava num campo de prisioneiros, submetido a tortura mental. Sempre que tentavam romper suas resistências, ele se protegia construindo mentalmente, bem devagarinho, uma casa,

tijolo por tijolo. Quando parecia que não ia aguentar, caía um tijolo, e ele, metodicamente, o recolhia e punha no lugar.

Não pensei em construir uma casa. Pensei em decorar nossa árvore de Natal. Mentalmente, decorei-a três ou quatro vezes. Nós tínhamos as lâmpadas e os enfeites há anos, e eu recordei cada um deles isoladamente. Também embrulhei presentes mentalmente, e depois fiquei imaginando uma série de versões sobre o pagamento do resgate.

Algumas eram bem melodramáticas, acho eu. Não pensava muito sobre a quantidade de dinheiro. Uns 5.000 dólares, talvez. Verdade, mesmo. Eu nunca pensei na minha família como gente de dinheiro.

Eles pegavam o dinheiro, punham numa caixa de papelão e faziam um embrulho. Pensei em papai largando-a no aeroporto de Atlanta. Estava escuro, e papai tinha medo. Imaginei uma figura sombria surgindo para apanhá-la. Vi mamãe, papai e Bobby sentados no Motel Rodeway, esperando o telefonema dos raptos. Depois eles saíam para comprar uma pá. E está na hora, agora, eu pensava. O carro está chegando mesmo agorinha. Eu prestava atenção para ouvir os passos e desligava o ventilador a fim de diminuir o barulho.

E não ouvia nada.

Comecei então a inventar razões para a demora. O avião estava atrasado; o tempo estava péssimo. O carro de papai furara um pneu.

Era mais um atraso. Na minha cabeça, dava-lhes amplas margens de tempo, e ia arrastando até fazê-los chegar para me tirarem dali. Não incluía nos meus devaneios a própria escavação, porque romperia a cadeia irreal, mas quase. Após algum tempo, eu tinha a certeza de que algo acontecera. Eu lhes dera tanto tempo...

Peças do Quebra-Cabeças

AO MEIO-DIA do dia do rapto, William O'Dowd já conseguira os 500.000 dólares no First National Bank de Miami. Quando o banco fechou, 85 funcionários ficaram arrumando maços e mais maços de notas. Trabalhando dois a dois, eles anotaram as séries e copiaram e verificaram mais de seis milhões de números de 25.000 notas que pesavam mais de 35 quilos quando foram acondicionadas numa mala. Trabalharam quase seis horas. Nessa noite, o anúncio informando os raptos de que o dinheiro estava pronto foi para os jornais.

Robert e Jane Mackle voltaram para Coral Gables em companhia do inspector Shroder. Ainda desconhecendo que Barbara estava enterrada, Jane dormiu sob fortes sedativos. A essa altura, a história chegara aos jornais. Apareceu nas primeiras páginas, e o FBI destacou mais agentes para o caso.

Até então, a única pista potencial da identidade dos raptos viera de um dos professores de Barbara, Marshall Casse. Ele vira dois es-

tranhos perguntando por Barbara, no sábado anterior, no campus de Emory. Um deles era um homem alto, forte, de barba. O outro era uma garota baixinha, de cabelos curtos. O Professor Casse os vira entrar numa camioneta azul, de fabricação européia, talvez uma Kombi, com placa de Massachusetts.

Teria o raptor rapado a barba? A Sr.^a Mackle não teria confundido uma jovem mascarada com um garoto? Computadores foram postos imediatamente a trabalhar na localização de todas as camionetas azuis de fabricação estrangeira registradas em Massachusetts. Mas era apenas um começo, e os Mackle desesperadamente saíram em busca de outras pistas.

Ainda estavam acordados, às 5h 30min da madrugada seguinte, quando lhes entregaram o jornal de quarta-feira. Lá estava o anúncio: «Querida, por favor volte para casa.» Apesar de a imprensa já ter noticiado o rapto, as negociações para o resgate prosseguiram sob absoluto sigilo. Robert Mackle agora teria de enfrentar a longa espera, até os raptos telefonarem, «depois da meia-noite».

Logo depois do meio-dia, um jovem padre católico conseguiu atravessar o jardim da casa, passando por uma multidão de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas, e tocar a campainha. Seu nome era Padre John Mulcahy, ele disse aos homens que o receberam, e queria falar a sós com Robert Mackle.

— É sobre Barbara.

— São agentes do FBI, padre — disse Mackle. — Queria que eles estivessem presentes.

Mulcahy contou sua história. Acabara de receber um telefonema na Igreja da Pequena Flor — a igreja que os Mackle frequentavam — de um homem que dizia ser o raptor. Disse saber que a casa dos Mackle estava cheia de guardas, detetives e agentes do FBI. Descreveu o «caixão» onde estava Barbara e mencionou que já se haviam passado dois dias da vida da bateria. Instruiu o Padre Mulcahy para dizer a Mackle que Barbara estava bem, mas para frisar que «quando a bateria acabar, ela acaba». Ao terminar o seu relato, o padre perguntou, nervosamente:

— Os senhores acham que era ele mesmo?

— Sim — disse Shroder, com segurança. — O senhor falou com o raptor.

Imediatamente pediu e obteve permissão para colocar uma escuta no telefone do Padre Mulcahy.

Os telefones na casa de Mackle já estavam sendo vigiados, e havia sido providenciado para que todos os telefonemas fossem verificados. Numa cidade grande, isto é tarefa muito complicada. A maior parte do equipamento da companhia telefônica Bell é projetado de tal maneira que o telefone do qual se origina a chamada é que controla o sistema. A pessoa que disca desencadeia uma série de impulsos que se movem eletronicamente em direção a determinado número. Uma

vez que o telefone chamado é tirado do gancho, o sistema fica retido, e um técnico experiente será capaz de localizar a origem da chamada, mas somente enquanto quem chama permanecer na linha. O raptor, obviamente, não pretendia perder muito tempo ao telefone.

Entretanto, através de um aparelhinho parecido com um alfinete de segurança, chamado «armadilha de diodo», o processo pode ser invertido, desde que o telefone chamado não interrompa a ligação. No âmbito de uma mesma estação, o sistema funciona bastante bem. Mas, para ligações entre diferentes estações, é muito mais complicado, porque são necessárias armadilhas de diodo para todos os troncos de recepção. Em Miami, isto significa instalar quase 500 armadilhas em 14 centrais, e a companhia local não dispunha de tanto equipamento. Foi feito um apelo de emergência, e chegou material de várias cidades, até de Orlando, bem longe.

Além dessa cuidadosa vigilância telefônica, o FBI estava disposto a manter o Lincoln de Robert Mackle sob discreta observação desde o momento que saísse para entregar o dinheiro do resgate. A maioria dos 150 agentes baseados em Miami estavam espalhados pela região, em carros não identificados. Secretárias e datilógrafas do FBI os acompanhavam nos carros, fazendo-se passar por casais de namorados.

Os agentes tinham instruções estritas de não intervirem. Sob nenhuma hipótese deveriam se

aproximar do Lincoln de Mackle a ponto de causarem a mínima suspeita. Não seria feita qualquer tentativa de prender alguém; seria permitido aos raptos apanharem a mala e partirem sem serem molestados. Os departamentos policiais de Miami não haviam sido notificados dos planos do FBI; tivessem eles sido, mais 400 homens ficariam a par da situação, o que aumentaria o risco de quebra do sigilo que envolvia a entrega do resgate.

Técnicos do FBI instalaram um transmissor no carro de Mackle, com o microfone dissimulado no aparelho de ar condicionado. O que Mackle dissesse no carro seria ouvido em sua casa. Mas, a pedido do próprio Mackle, o FBI desistira de substituí-lo no carro por um agente parecido com ele. Foi igualmente abandonada a idéia de esconder um agente armado na mala do carro.

O bilhete dos raptos dizia: «Depois da meia-noite, telefonaremos para sua casa a fim de informar onde deve ser entregue o dinheiro.» Agora, todos esperavam a hora. Assim que tocasse o telefone, o jovem Bobby Mackle pegaria a maleta com o dinheiro, sairia para a garagem e a colocaria no banco traseiro do Lincoln. Um agente do FBI o ajudaria a levantar a porta da garagem. Mapas das estradas da região estavam preparados a fim de ajudar Mackle a localizar exatamente o lugar antes de sair. O próprio Mackle, seguindo uma das determinações dos raptos,

vestia camisa e calças brancas. Estava tudo pronto.

«Não Encontro o Lugar.»

Às 3h 47min, finalmente, tocou o telefone.

— Robert Mackle?

A voz era absolutamente tranquila. Mackle percebeu instantaneamente que falava com o raptor.

O homem instruiu:

— O senhor irá à Rua Fair Isle. Sabe onde fica? É à direita, na Estrada da Baía.

— À direita... Estrada da Baía?

— O senhor segue até... suba pela Rua Fair Isle o quanto der, em direção à baía, à direita, até chegar a um muro. Olhando sobre o muro, na direção da ponte, verá uma luz branca piscando. O senhor põe o dinheiro na caixa, que tem uma lanterna presa, fecha a tampa, dá as costas e vai embora. Está claro?

— Sim — disse Mackle, nervoso.

Mas não estava nada claro. Estrada da Baía? O raptor teria querido se referir à Estrada Marginal Sul da Baía?

— E na Avenida 27, que direção eu tomo, sul ou...

— O senhor toma a direita.

— E sigo pela Rua Fair Isle até chegar a um beco? Estou tentando não... Estou vendo se entendo... até uma rua sem saída...

As instruções não eram compreensíveis. Por um momento, frenético, tumultuado, Mackle tentou concentrar-se no mapa.

— É aqui — ele disse, quando alguém assinalou um ponto.

E saiu apressadamente para o carro.

Rapidez era essencial. «Não esperaremos», advertira o raptor, «se o senhor não aparecer dentro do prazo, que é apenas um pouco mais que o suficiente para o senhor chegar ao local.» Sozinho no carro, agoniado pelas ameaças dos raptos, Mackle lançou-se pela Rodovia Federal 1, dando pelo rádio sua posição aos agentes que o escutavam. Era tão potente o transmissor escondido no carro que, na casa de Mackle, o ruído da seta ligada soava como as cordas de um banjo.

A Rua Fair Isle ficava a seis quilômetros a leste da casa de Mackle, em linha reta, e, seguindo as instruções do raptor, que indicavam a melhor maneira de chegar até lá de carro, ele teria oito quilômetros a percorrer. Mackle seguia as instruções da melhor maneira possível. Finalmente, chegou a uma área onde começava um trecho de praia conhecido por Dinner Key. Estava quilômetro e meio ao sul fora do caminho, e não sabia exatamente onde ficava a ponte para Fair Isle. As indicações do raptor haviam sido muito obscuras, e ele próprio se encontrava sob grande tensão emocional. Virou à direita. Não era o caminho.

Em Dinner Key, viu dois pescadores que se preparavam para entrar num bote.

— Há por aqui alguma ponte que vai dar numa ilha? — perguntou.

— Tem — respondeu um dos homens. — Mas não é deste lado. O senhor tem de dar a volta e ir por ali.

Aparentemente, ele sabia o que estava dizendo. Mas não sabia. Apontava na direção errada.

Com total consciência do tempo que se escoava e confuso com o número de ruas que desembocavam saindo da baía, Mackle voltou para a Marginal Sul. Continuou tentando ler as placas de ruas na escuridão. No fim de uma rua, foi dar num cais e, subitamente, com o coração aos pulos, percebeu que os pneus tinham descido da calçada e se encontravam na areia. Em pânico, deu marcha-a-ré, até os pneus entrarem novamente no asfalto. Mas onde estava a ponte? O tempo se escoava.

— Não consigo encontrar o lugar — ele gritou, nervoso.

Tornou a virar e rumou velozmente de volta para Dinner Key, onde havia uma casa de artigos de pesca que ele conhecia e que ficava aberta a noite toda. «Só há uma ilha por aqui que tem uma ponte», disseram-lhe na loja. «Tem de ir por aqui.» O homem apontava para norte, exatamente de onde Robert Mackle viera.

— Estou desesperado! — A voz de Mackle soava angustiada em sua casa. — Alguém tem de vir me ajudar!

Billy Vessels não aguentou. Ele e o agente do FBI Edward Putz saíram correndo para o Cadillac vermelho de Elliot Mackle e, se-

gundos depois, voavam pela R. F. 1. Não tendo rádio, ficaram sem contato com Mackle e com os 20 e tantos carros do FBI que se encontravam espalhados pela área onde seria feita a entrega do resgate.

Mais ou menos a essa altura, o agente Warren Walsh, do FBI, com a sua «namorada», estava indo para norte pela Marginal Sul, quando viu o que lhe pareceu ser um Ford com um homem à direção e uma mulher ao seu lado. Tinha placa de Massachusetts.

Cruzando pela mesma área, o agente Ralph Hill também viu o carro. Seu motorista, aparentemente procurando qualquer coisa, diminuiu a marcha e fez uma volta completa. Na casa dos Mackle, os agentes convenceram-se de que esse carro

seguia o pai de Barbara. Era claro que, se nesta altura Vessels e Putz aparecessem em cena correndo, o resgate jamais se realizaria. Deram ordem para que Billy Vessels fosse detido. «Se não puderem interceptá-lo, choquem-se com ele!» Mas, inesperadamente, o carro de Massachusetts desapareceu, e foi dada contra-ordem rapidamente.

Enquanto isso, Vessels e Putz examinavam cuidadosamente cada placa de rua ao longo da Marginal Sul. Tinham uma vantagem sobre Robert Mackle: haviam tido bastante tempo para estudar o mapa. Lá estava uma indicação dupla: RUA FAIR ISLE — EST. MARGINAL SUL. Então, um pouco acima, Vessels viu os faróis do Lincoln. Fez sinais frenéticos, mas



Mackle passou sem os ver, continuando na sua tentativa de identificar as ruas laterais.

Da próxima vez que o Lincoln entrou na Marginal, Vessels atravessou a pista central e parou diretamente à sua frente. Saindo do Cadillac, ele atirou-se no banco traseiro do carro de Mackle.

— Vamos embora! — ordenou.

Depois, calmamente, Vessels guiou Mackle até à indicação dupla, entraram na Rua Fair Isle, que se estreitava entre duas casas e descia até um muro de arrimo baixo.

— Billy, eu já estive aqui — protestou Mackle.

— É aqui mesmo! Pegue o diabo da maleta e deixe lá! Vamos! — Vessels sussurrava.

Mackle desceu do carro com a pesada maleta, deixando de propósito a porta da frente aberta. Queria que ficasse acesa a luz, para que quem quer que estivesse olhando pensasse que ele estava sozinho.

Andou até ao muro. Não viu qualquer caixa com luz, como a que o raptor descrevera. «Não vi lanterna nenhuma em parte alguma. Não vi qualquer ponte. Ergui a maleta, e depois baixei-a devagar, até que pousasse sobre algo sólido.»

Ficou lá parado por um segundo. Em seguida, deu a volta e encaminhou-se rápido para o Lincoln. Pouco depois das 4h 30min, estava de regresso à casa.

Pelas sete da manhã, seguidos de agentes do FBI, Vessels e Mackle voltaram ao local para certificar-se de que o dinheiro havia sido

apanhado. Fora, Mackle sentiu-se aliviado. Mas, de repente, um agente ouviu ruídos no rádio do seu carro, e foi até lá a fim de verificar de que se tratava. O que ele ouviu deixou-o estatelado.

— Houve um tiroteio! — ele gritou para os outros. — O dinheiro foi recuperado. Está no distrito policial!

— Oh, meu Deus — soluçou Mackle. — Meu Deus, meu Deus! Não matar minha filha.

«Pare ou Atirol!»

TRANSBORDANDO de notas de 20 dólares, a maleta estava sobre uma mesa, no distrito central da Polícia de Miami. Os policiais Paul Self e William Sweeney, que a haviam trazido, sentiam-se como se tivessem realizado um grande trabalho. Nenhum dos dois estava oficialmente a par do rapto de Barbara. O pouco que sabiam era o que haviam lido e visto nos jornais e na TV.

Self estava de patrulha, por volta das 4 da madrugada, quando viu um carro estacionado numa zona residencial privada. Desde que uma casa naquela zona havia sido assaltada, Self fazia questão de examinar todos os carros estranhos à área, e sabia que aquele não era dali. Era uma camioneta Volvo, azul, 1966. As portas estavam trancadas. Self anotou a placa — P72-098, Massachusetts, 1968 — e chamou a base a fim de apurar se era um carro procurado. Não tinham nada a respeito. Como rotina, Self pediu

à sua base que notificasse a Central.

Dentro de alguns minutos, chegara o policial Swenney, que também verificou o número da Volvo: na Central tampouco tinham coisa alguma a respeito. Os dois então passaram uma hora por ali, conversando.

Subitamente, Self apontou e disse:

— Olhe ali. Vem alguém lá!

Ambos viram uma pessoa andando pela estrada, a uns 150 metros, aparentemente vindo na direção do carro parado.

— Vamos dar uma olhada — disse Sweeney.

Quando os dois policiais saltaram para os seus carros e se dirigiram para o vulto — guiando os carros de maneira a colocá-lo entre os dois — o homem deu um salto e desapareceu na escuridão entre uma cerca viva e os fundos de uma casa. «Parecia estar carregando qualquer coisa», recorda Sweeney, «e corria como um louco.» Momentos depois, Swenney tornou a vê-lo tentando saltar uma cerca de arame.

— Pare ou atiro! — Sweeney gritou.

O homem voltou-se lentamente. Sweeney pensou que estava se entregando, quando o viu erguer uma carabina. O policial fez dois disparos rápidos e atirou-se ao chão, esperando a resposta, que não houve. Quando tornou a olhar, o homem desaparecera.

Voltando à camioneta Volvo, Sweeney viu peças de bagagem na estrada, no lugar onde ele e Self

havam avistado o homem pela primeira vez. Havia uma sacola de lona, com o nome «Ruth Eisemann» escrito em tinta branca, e uma mala grande. A essa altura chegavam ao local outros carrões da Polícia, e Matthew Horan, da Central, juntou-se ao seu colega Sweeney no meio da estrada.

Abriram juntos a maleta, e o dinheiro espalhou-se.

— Puxa vida! — exclamou Sweeney, e tratou de guardar o dinheiro de volta.

— Deve ter sido assalto a um carro-forte! — disse Horan.

Guardaram a mala e a sacola cuidadosamente na mala do carro de Sweeney e foram para o distrito.

Não tinham a menor idéia do que levavam. Mas assim que o inspetor Francis Napier, da Polícia de Miami, se apresentou ao serviço, às 7 horas da manhã, e viu a mala, percebeu logo do que se tratava. Comunicou-se imediatamente com o FBI.

— Você pode evitar qualquer comentário? — perguntou o agente que recebeu o telefonema, na esperança de manter secreta a informação.

Napier não podia. Praticamente todos no distrito estavam a par, e havia um repórter ali mesmo, parado, olhando a maleta aberta.

No MAIS profundo desespero, Billy Vessels e Robert Mackle voltaram à Rua Fair Isle.

— Está tudo acabado — soluçava Mackle. — Estragamos tudo.

Em casa, ele disse ao FBI:

— Não me interessa o dinheiro. Nós temos de estabelecer novo contato. É preciso fazê-los saber que nós não tivemos nada com o que aconteceu. Temos de dizer-lhes que foi tudo um acidente, que eu tenho o dinheiro comigo e que estou pronto a entregá-lo.

Pouco depois, um apelo assinado por Robert Mackle apareceu na imprensa. Nas 24 horas seguintes, saiu publicado em todos os jornais e foi visto e ouvido por TV e rádio.

«Lamento que vocês não tenham recebido o dinheiro», dizia a mensagem, «porque só me interessa a segurança de minha filha. Fiz tudo conforme as suas instruções, e não tive nada a ver com o surgimento da Polícia de Miami, que entrou em cena acidentalmente. Por favor, entrem novamente em contato comigo, por qualquer meio. Farei o que quer que seja para que minha filha seja libertada.»

Outra Tentativa

HORAS depois do tiroteio, o FBI sabia exatamente a quem estava procurando pelo rapto. Sua agência em Boston descobrira rapidamente a quem pertencia a camioneta Volvo. Seu proprietário era George Deacon, ex-empregado do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, atualmente, segundo constava, assistente de pesquisa no Instituto de Ciências Marinhas da Universidade de Miami. Entre outras coisas encontradas na

Volvo, havia a chave de um quarto do Motel Rodeway, folhas de papel em branco exibindo claras impressões de datilografia, onde se percebiam palavras usadas no bilhete de resgate, e um livro de cheques em nome de George Deacon. Numa bolsa preta, os agentes encontraram a identidade do «garoto» cúmplice de Deacon. Era Ruth Eisemann-Schier, natural de Honduras, aluna do Instituto de Ciências Marinhas.

No carro foram também encontradas fotos dos raptos — Deacon era grandalhão, forte, e usava barba, como o Professor Casse o descrevera — e uma foto Polaroid de Barbara Mackle. Um letreiro dizendo RAPTADA aparecia sob o seu queixo, e ela estava de olhos fechados.

Os agentes começaram imediatamente a investigar todas as pistas encontradas no carro, e logo começaram a emergir os passados e as personalidades de Deacon e Eisemann-Schier. No I. C. M., por exemplo, descobriram que Deacon trabalhara no Alasca até 1960. Era casado e pai de dois meninos. Conhecera Ruth no Instituto, e ela se tornara sua amante, publicamente, durante um cruzeiro científico a bordo do navio de pesquisas do Instituto. A mulher de Deacon vivia atualmente na Califórnia.

O FBI apurou também que algumas pessoas consideravam Deacon uma pessoa agradável, mas que outros o achavam agressivo e arrogante. Queria ser considerado uma pessoa inteligente, um gênio

mesmo, e muitas vezes dava a impressão de ser um «doutor sabe-tudo».

Mais tarde, no mesmo dia, o FBI descobriu que George Deacon era um pseudônimo: o verdadeiro nome do raptor era Gary Steven Krist. Os arquivos do FBI em Washington forneceram a informação de que Krist, nascido em Aberdeen, no Estado de Washington, fora preso três vezes por roubo de automóveis e uma por assalto e que fugira duas vezes de reformatórios. Atualmente, era procurado por ter atravessado ilegalmente fronteiras estaduais a fim de escapar à prisão.

A RESPOSTA ao apelo de Robert Mackle chegou às 5h 15min daquela tarde. O Padre Joseph Biain, da Igreja de Epifânia, em Miami, recebeu um telefonema assegurando a Mackle que não o consideravam culpado pela interferência da Polícia local e dizendo-lhe que «não ficasse nervoso». O raptor prometeu então telefonar novamente ao Padre Biain, às 11 horas da noite, com novas instruções.

Os Mackle ficaram animados. Os 500.000 dólares haviam sido recontados, e estavam prontos para a segunda tentativa de entrega. O inspetor Shroder restabelecera o seu posto de comando na casa dos Mackle. Quando caiu a noite, recomeçou a vigília.

Na Igreja de Epifânia, o Padre Biain também aguardava nervosamente. Mas o telefonema, quando veio, foi para o Padre Mulcahy,

e não Biain, e às 10h 35min. Mulcahy imediatamente transmitiu a Mackle as instruções do raptor. «Desta vez», recorda Mackle, «foram bem mais claras.»

Mas, e se eles entregassem o dinheiro conforme as instruções, e às 11 horas um outro telefonasse para a Igreja de Epifânia? Não poderiam eles estar lidando com dois homens — um o verdadeiro raptor, e outro um vigarista esperto qualquer que sabia de uma maleta contendo 500.000 dólares que estava ali, pronta para ser entregue? Cautelosamente, esperaram até às 11 horas — e não houve outro telefonema — antes de fazer a entrega.

Desta vez, foi Billy Vessels quem guiou o Lincoln, com o agente Lee Kusch escondido sob uma manta no banco de trás. Seguindo ao pé da letra as instruções, Vessels saiu da cidade pelo Tamiami Trail, dirigindo-se para oeste, até atingir uma estradinha de terra batida à sua esquerda. Entrou na estradinha e, «de repente, lá estava aquele carro diante de mim, a uns 12 ou 15 metros, com os faróis apagados. Pisei com força no freio, e fiquei ali olhando, uns três ou quatro segundos».

Vessels desligou o motor, deixando os faróis acesos, e saiu com o dinheiro. Conforme as instruções, largou a mala no meio da estrada, diante dos faróis do Lincoln, bem à vista, pensando o tempo todo: «Aqui está, podem levar, aqui está!»

Voltou ao carro, deu partida no

motor e engrenou a marcha-a-ré.

— Larguei a encomenda! — gritou ao microfone. — Estou voltando para casa!

Às 12h 30min, o FBI mandou outro carro ao local. Seu relato chegou momentos depois: «A encomenda sumiu.»

Conversa com Deus

PENSEI novamente em morrer. Umás três ou quatro vezes, pensei que aquilo seria o meu caixão. Fiquei pensando sobre quem encontraria o meu corpo — quando e como. Talvez um lavrador, ou alguém construindo qualquer coisa. Daqui a 10 anos? Vinte? Pensei em como estaria então e em como seria possível identificar-me.

Quando as coisas pareciam mesmo ruins, eu dizia: «Não quero mais esperar, quero morrer agora mesmo.» Desligava o ventilador. Tornava a ficar quente e pesado. Aí eu me controlava. «E se me encontrassem daí a pouco — e eu já estivesse morta? Papai vai pagar o resgate. Papai vai me achar.»

Tinha medo de sufocar, não importa o que eu própria fizesse. Sabia que devia existir uma entrada de ar na superfície — e se um esquilo ou outro bichinho caísse nela, obstruindo-a? Tinha muito tempo para pensar em raptos em geral, também. O lógico a fazer, num rapto, é matar a vítima. Especialmente num caso como o meu, no qual eu seria capaz de identificar os meus raptos. Então, por que

não deixar-me aqui para sempre?

Mentalmente, tornei a reconstruir o pagamento do resgate. Desta vez, os raptos exigiam um pouco mais de dinheiro, 10.000 dólares. Eu era muito ingênua. Resolvi que algo de errado deveria ter acontecido na primeira noite, terça-feira. Ficava repetindo para mim mesma: «Hoje é quarta-feira, e o resgate será pago esta noite.» Ficava calculando a hora a que eles deveriam chegar, mas continuava sem ouvir o menor sinal.

Eu deveria estar com fome, pensava. Dei três ou quatro mordidas numa maçã, e isso bastou. Estou certa de que dormi um pouco, mas não me lembro quanto. Além do mais, estava muito frio e tudo molhado. As gotas caindo quase me enlouqueciam. Queria esticar-me, mas a caixa era estreita demais. Eu ficava contraindo os músculos.

Chegou uma hora que eu comecei a falar com Deus. Eu não sou muito de rezar. Mas ali, enterrada viva, rezei. Comecei simplesmente a falar, como se Deus estivesse ali a meu lado. «Deus, eu sei que Você não vai me deixar morrer. Mesmo que ninguém mais saiba onde eu estou, Você sabe.» E isto era reconfortador. Eu sei que Deus existe, e sei que Ele me ouviu.

«Ouço um Barulho»

«DOZE horas depois da entrega do dinheiro, o senhor receberá outro telefonema informando onde está sua filha», dizia a nota do raptor.



Agora, 12 horas se haviam passado, e nenhum telefonema.

Nessa manhã, o inspetor Shroder retornou à sua sede, prometendo estar de volta para a «reunião familiar». Robert Mackle, desesperadamente, queria acreditar nele. Inevitavelmente, entretanto, ocorreu-lhe que o raptor talvez tentasse escapar com o dinheiro, esquecendo Barbara. A certa altura, resumindo os temores de todos, ele disse:

— Quando a tirarem de lá, ela estará transformada num vegetal. Se a retirarem.

Na mesa telefônica da agência

de Atlanta do FBI, a bonita Trisha Poindexter estava pronta para sair para o almoço. Eram 12h 47min, sexta-feira, 20 de dezembro. Desde o rapto, ela atendera dezenas de telefonemas de pessoas que queriam ajudar.

— FBI — ela atendeu, quando o telefone tocou.

— Eu quero dar-lhe algumas informações sobre o caso da garota Mackle — disse uma voz masculina.

— Um momento — respondeu Trisha — que vou passá-lo a um agente.

— Não — o homem voltou, en-

fático. — Quero dar-lhe as indicações de como encontrar a cápsula. Vou dizer uma vez só.

Trisha não tinha a menor idéia do que ele estava falando, mas começou a tomar nota.

— Na Estrada I-85 — o homem começou. — Em direção a Norcross. Sinal de tráfego entre Buford e Tucker. Prosseguir 5,3 km da interseção. Casinha branca numa colina. Virar à esquerda. Estrada de terra quilômetro e meio à direita. Uns 30 metros acima, na mata. Tomou nota?

— Sim — afirmou Trisha, mas sem ter a certeza de que anotara corretamente.

A ligação foi interrompida.

Sempre pensando em sair para almoçar, Trisha levantou os olhos e viu o agente Don Tackitt passando.

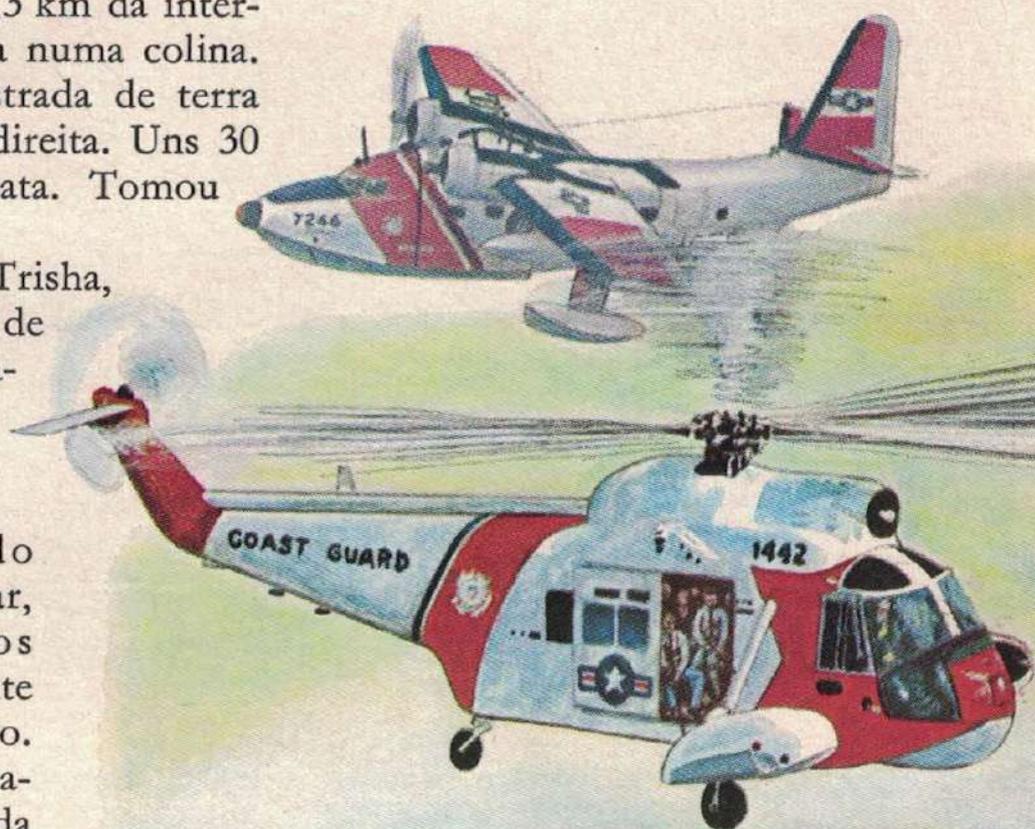
— Ei — ela chamou-o. — Um camarada acabou de telefonar dando indicações de como encontrar uma cápsula...

Cápsula!

Momentos depois, Trisha estava no gabinete de Jack Keith, agente encarregado substituto, lendo as suas anotações. Mais ou menos uma dúzia de homens do FBI estavam espalhados à volta

de Atlanta, à espera desse telefonema, e Keith imediatamente deu ordens para que todas as unidades se dirigissem para o cruzamento e sinal de tráfego mencionados pelo raptor.

«Prosseguir 5,3 km.» Mas em que direção? Do cruzamento partiam quatro estradas, e havia ainda uma



quinta ali perto. Qualquer uma delas podia ser a certa. Apressadamente, os agentes começaram a examinar todas. Descendo quase exatamente 5,3 km por uma delas, encontraram uma casinha sobre uma colina, mas a única entrada depois era à direita, e não à esquerda, e não havia nenhuma estrada de terra 1,5 km adiante. Em outra das estradas, novamente encontraram uma casinha branca sobre uma colina, mais ou menos à distância exata. Uma estrada asfaltada secundária entrava à esquerda e a mais ou menos 1,8 km uma estradinha de terra dobrava à direita.

— Tem de ser aqui — disse Keith.

Deixando quatro agentes para pentear a área, retornou para estabelecer um posto de comando no cruzamento. Mas estava longe de sentir-se otimista. Eram quase quatro horas da tarde, e restava pouca luz do dia. Ele sabia que todo o equipamento sobre rodas de que o FBI dispunha, em Atlanta, em breve estaria ali, mas talvez não bastasse. Eles *tinham* de encontrar a garota. Ela podia estar morrendo naquele mesmo instante. Se a encontrassem — agora — podiam salvá-la.

Na estradinha de terra batida, os agentes Vincent Capazella e Robert Kennemur abriam caminho no mato. A estradinha terminava a uns 40 metros da estrada asfaltada, num monte de lixo, perto dos alicerces de uma casa em ruínas. Além do lixo

e de latas de cerveja amassadas, eles descobriram traços apagados de um caminho que descia uma colina coberta de árvores. Seguindo por ali, chegaram a um ponto a uns 90 metros da lixeira. Capazella parou subitamente.

— Estou ouvindo um barulho — disse.

Varrendo com os pés as folhas caídas e as agulhas de pinheiro, ele chegou ao barro vermelho, a fresca terra vermelha característica da Geórgia.

Ouvi um pequeno movimento. Era a primeira vez, absolutamente a primeira vez, que eu ouvia qualquer coisa. Desliguei o ventilador e preni a respiração, lutando para ouvir mais. Nada.

Mas tinha de ser alguma coisa. Eu sabia, tinha a certeza. Fechei os punhos e bati com quanta força tinha. Parei de novo para escutar. A essa altura eu não pensava que alguém estivesse ali. Mas, enquanto estava batendo, subitamente ouvi passos, e depois um homem gritando: «Barbara Mackle! Barbara Mackle! Aqui é o FBI!»

83 Horas

O AGENTE Capazella examinou novamente a terra vermelha. Ele e Kennemur ouviram três batidas, bem distintas. Freneticamente, com as mãos, começaram a afastar folhas e galhos partidos.

— Vou pedir ajuda pelo rádio — disse Capazella.

Minutos depois, Keith e outros agentes acorriam ao local. Na lixeira, um deles encontrou um balde furado de balas, que havia sido usado como alvo para treinamento de tiro, e usou-o para escavar a terra firmemente socada. Outro cavava com um galho que apanhara numa árvore. Outros cavavam com as próprias mãos, com o que encontravam. Ordens haviam sido transmitidas para que trouxessem pás.

Escavando febrilmente, ouviram o ruído abafado do ventilador. Pela cabeça do agente William Colombell passou o pensamento de que Barbara morreria antes de eles conseguirem tirá-la dali. Outro pensamento não abandonava Kennemur: «Estaria ela completamente louca?»

Uma ponta da cápsula apareceu: com a ajuda de uma barra de ferro, os agentes arrebentaram a tampa. Era a extremidade errada, uma seção dividida para acondicionar a bateria, a bomba e o ventilador. Levaram mais quatro ou cinco minutos para descobrir uma espécie de alçapão firmemente aparafusado. Eram 4h 32min da tarde. Mas, para Barbara Mackle, era o alvorecer. Havia decorrido 83 horas de horror.

EU OS OUVIA trabalhando. Estavam bem acima da minha cabeça. A caixa tremia toda. Finalmente, abriram a tampa, a terra começou a cair lá dentro, e eu ouvi um barulhão da tampa quebrando.

Estava tão claro que eu pisquei. Vi mãos vindo ao meu encontro. Havia uma porção de homens, todos

olhando para mim. Estavam sorrindo, e eu pude ver lágrimas nos olhos deles, lágrimas e suor.

Puxaram-me para fora e perguntaram como eu estava. Eu disse que estava bem e tentei por-me de pé. Meus joelhos dobraram. Eles me ampararam, e um deles disse: — Ela não consegue andar.

E ali estava eu, sorrindo. Eu sei que era uma figura ridícula, molhada, suja, tudo.

— Como está a minha família? — perguntei, e eles disseram que não me preocupasse, que estavam todos bem.

Um deles então me pegou nos braços e carregou-me através das árvores, até aos carros.

— Que horas são? — indaguei.

Um deles disse que eram umas quatro horas, e eu perguntei se da manhã ou da tarde. Era de tarde.

Outro camarada inquiriu:

— Há quanto tempo você está aí?

— Desde que eles me pegaram.

— Não havia ninguém mais com você?

— Não — eu disse. — Não veio ninguém.

Ele não falou mais nada. Ninguém falou mais. Via-se que estavam com raiva. Puseram-me num carro, no banco traseiro, e o homem à minha direita tinha lágrimas correndo-lhe pela face. Eu realmente não achei que ele estivesse chorando por mim.

Ele disse que não, fungou e voltou o rosto para a janela. Percebi então, e senti-me mal por ter falado.

— O senhor é o homem mais bonito que eu já vi — eu disse então, e todos caíram na risada.

— Agora eu sei que há algo errado com você — disse o homem que ia no banco da frente, e aí eu também ri.

NA SALA de jogos da casa dos Mackle, mais de 1.000 quilômetros ao sul de Atlanta, o agente Lee Kusch, impacientemente, atendeu o telefone.

— Por favor, saia da linha — ele começou a falar, e parou no meio da frase. — Desculpe-me — disse, e entregou o telefone a Frank Mackle.

— Ouvi uma voz de homem — disse Frank. — Alguém disse: «Um momento que o Sr. Hoover vai falar.»

Frank tomou fôlego. Dentro de segundos ficaria sabendo.

— Aqui é Edgar Hoover — começou o diretor do FBI, numa voz rápida e firme. — Tenho boas notícias. Barbara está viva e bem.

— Ela está viva e bem! — Frank gritou, e viu todos a olharem para ele, petrificados, imóveis.

— Levou um segundo e meio até alguém reagir — ele recorda. — Aí todos começaram a vir na minha direção, como em câmara lenta. Vi Robert correr para chamar Jane. A casa inteira virou um pandemônio.

Riqueza Breve

A PERSEGUIÇÃO a Gary Krist foi rápida. Pouco antes das quatro horas da mesma tarde em que Barbara foi encontrada, um vendedor de barcos de West Palm Beach informou ter vendido um barco

de 16 pés, com motor de popa, a um homem que correspondia à descrição de Krist. O sujeito despertara suspeitas por ter pago à vista, em notas de 20 dólares, tiradas de um saco de papel. Perguntara se o barco teria combustível suficiente para levá-lo até Bimini.

Meia hora depois, um helicóptero da Guarda Costeira já estava no ar, à procura de Krist, entre Fort Lauderdale e Bimini. A caçada foi até ao anoitecer. Alguém começou então a duvidar se Krist teria mesmo ido para as Baamas — se não estaria no Canal Okeechobee, cruzando a Flórida, a fim de entrar no Golfo do México.

Telefonemas para as comportas do canal confirmaram que Krist realmente escolhera essa rota de fuga. Na manhã seguinte, às 10h 30m, agentes do FBI a bordo de um avião da Guarda Costeira localizaram-no perto do Golfo e mantiveram-no sob vigilância.

Sabendo que havia sido descoberto, Krist entrou com o barco nos areais de Hog Island, um pequeno pantanal coberto de densa vegetação. Saltou para a praia e desapareceu terra adentro.

Mas a ilha é uma armadilha. A única saída para quem anda a pé é um estreito platô de areia, facilmente guardado. Oitenta e cinco agentes e mais de 150 homens da Polícia local convergiram para ali, e, por volta da meia-noite, escondido atrás de um matagal, Krist foi capturado. Todo o dinheiro, menos 3.000 dólares, foi recuperado.

Ruth Eisemann-Schier levou mais tempo a ser apanhada. Separada de Krist durante o tiroteio que impedira a primeira entrega do dinheiro, ela entrara em pânico e deixara Miami na mesma tarde. Somente a 5 de março de 1969 foi que o FBI a localizou, trabalhando no Restaurante Boomerang, em Norman, no Estado de Oklahoma, sob nome falso.

O julgamento de Krist começou a 19 de maio de 1969. Correu rápido, com a Promotoria provando que Krist preparara o rapto detalhadamente. Após menos de quatro horas de deliberações, o juri retornou com o veredicto de culpado, recomendando prisão perpétua. (Krist poderia ter sido condenado à morte.) Três dias depois, Ruth Eisemann-Schier declarou-se culpada do seu papel no rapto e foi condenada a sete anos de prisão.

Gente Que Se Importa

UMA pergunta que todo o mundo faz a meu respeito é: «Como está ela *realmente?*» Mamãe mexe comigo a este respeito.

— Pois é, Barbara — ela diz. — Se algum dia na vida você fizer qualquer coisa estranha, todo o mundo vai dizer: «Eu sabia, eu sempre soube.»

Mas eu estou bem. Estou bem mesmo. Nunca fui a um psiquiatra, e não acho que precise.

Eu não penso muito sobre o rapto. Às vezes, ainda acordo, espantada e com medo, no meio da

noite, sem saber onde estou durante alguns segundos. Mas passa logo. Hoje em dia, quando penso no rapto, geralmente é sobre a minha família. A volta para casa. Encontrar papai, ver mamãe e Bobby. Seus rostos. Era visível nos seus rostos a agonia mental por que passaram. Às vezes eu os vejo, sentados, quietos, com um certo olhar, e sei que estão recordando.

De certo modo, eu sei, o rapto mudou minha vida para sempre. Eu jamais compreendera o quanto e com que profundidade pessoas podiam interessar-se por gente que jamais haviam visto. Tínhamos tantas cartas a responder. Respondi a todas as cartas dirigidas a mim, e papai, mamãe, Bobby e meus tios responderam às deles. Cheguei a ter um fã clube na Tchecoslováquia.

A gente ouve falar tanto na insensibilidade das pessoas, hoje em dia, que eu ficava espantada com os milhares que se identificavam com a nossa família. Gente que se importava. Estou convencida de que a compaixão é parte básica da natureza do homem.

Não tenho ódio de Krist ou Ruth. Simplesmente, não sinto nada. Talvez eu pensasse diferente se algo tivesse acontecido com papai ou mamãe — se eles tivessem tido um problema emocional grave ou qualquer coisa parecida. Mas nós todos acabamos saindo bem.

De vez em quando eu penso que ainda poderia estar lá. E dou graças a Deus. Nós todos achamos a vida uma coisa tão natural.

(Tradução de Isaac Piltcher)